

### O CURRÍCULO POR PROJETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E AS NEGOCIAÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS NO COTIDIANO ESCOLAR



**P**or projeto podemos entender o ato de projetar, planejar, programar, prevê ações para se alcançar algo. Foi nessa reflexão que se deu minha pesquisa de mestrado, pensando o projeto institucionalizado na escola, como um campo, uma linha norteadora do trabalho para todo o ano, pois é escolhido um tema chave que vai direcionar os trabalhos das professoras e alunos, e de toda a escola. Nesse sentido, o projeto chamado institucional é o que vai dar vida às atividades pedagógicas. O planejamento gira em torno dele: as ações, os materiais a serem usados e a relação família e escola.

O projeto torna-se, então, um campo único, linear, obrigatório e hierarquizado como na grafia da árvore (ALVES; OLIVEIRA, 2002)

em que todos os conhecimentos passam pelo tronco e se ramificam em temas ou disciplinas a serem trabalhados. Comparo o projeto institucional desenvolvido na escola ou nas escolas com a grafia da árvore, pois entendo que ele tem as mesmas características: é hierarquizado, pois os conteúdos e assuntos passam por uma seleção do que é mais importante e prioritário no trabalho em cada faixa etária; linear, porque tem um ritmo a ser seguido, não podendo fugir desse norte; obrigatório, porque todos têm que segui-lo, e a escola gira em torno dele. Não são os projetos que se articulam às necessidades de aprendizagem dos alunos, mas o processo de aprendizagem, os conteúdos que devem se adequar aos projetos.



O trabalho com projetos acaba assumindo uma lógica da competição entre as professoras e entre as escolas fato que muitas vezes impede os educadores de pensar no que realmente importa: as relações vivenciadas entre os sujeitos, os saberes-fazeres dos alunos e principalmente entender que o conhecimento acontece em diferentes *espaçostempos* a partir/com/nas negociações vividas na escola.

Mas no miudinho da sala de aula, no cotidiano escolar os professores e alunos inventam (CERTEAU, 1994) formas de

*aprenderensinar* para além da grafia da árvore impressa nos projetos. As negociações acontecem o tempo todo. Entendo como negociações aquilo que passa pelo âmbito do vivido, daquilo que precisamos para sobreviver à rotina já dada, os horários pré-fixados, as normas estabelecidas, os projetos já pensados, as ações programadas. Como nos coloca Bhabha (1998, p. 51), negociação não é negação “Quando falo de negociação em lugar de negação, quero transmitir uma temporalidade que torna possível conceber a articulação de elementos antagônicos ou contraditórios”

Mesmo nessa tentativa hierárquica de engessar o currículo através de projetos o que vemos e sentimos nos cotidianos das escolas são as negociações. A possibilidade de negociar ganha força e faz emergir outro sentido de currículo e nos remete a pensar nas redes de saberes, fazeres e poderes como a metáfora do rizoma. No momento da negociação, os sujeitos, professores e alunos, ganham potência e essa é a contribuição da negociação. Segundo BHABHA (1998, p. 57), “[...] a contribuição da negociação é trazer à tona o ‘entre-lugar’ desse argumento crucial; ele não é autocontraditório, mas apresenta, de forma significativa, no processo de sua discussão, os problemas de juízo e identificação que embasam o espaço político de sua enunciação”.



.....

✓ *Kelen Antunes Lyrio: Pedagoga da Prefeitura Municipal de Vitória,  
Doutoranda em Educação PPGE/UFES*

**Referências bibliográficas (ou textuais):**

- **ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (org.). O Sentido da Escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.**
- **BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.**
- **CERTEAU, Michel De. A invenção do cotidiano – artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.**